

A influência da Teologia do Povo sobre o Magistério do Papa Francisco

Irineu Claudino Sales¹

Resumo: Partindo do pressuposto da inegável influência da Teologia do Povo no pensamento do Papa Francisco, nosso objetivo é demonstrar pontos convergentes entre a Teologia do Povo e o magistério do atual pontífice. Os resultados da investigação bibliográfica apontam que é possível designar a influência da Teologia do Povo na vida e missão do Papa Francisco em três grandes vias: a opção pelos pobres, a opção pelo povo e a valorização da piedade popular. Conclui-se que o Papa Francisco é influenciado pela Teologia do Povo, ainda que não explicita isso e nem queira absolutizar tal proposta como único caminho válido para Igreja.

Palavras-chave: Teologia do Povo. Papa Francisco. Opção pelos pobres. Piedade Popular. Povo.

INTRODUÇÃO

Pensando que toda teologia é contextual, nos propomos a refletir sobre a influência da Teologia do Povo no ministério do Papa Francisco, tendo em vista que esta fez parte do seu contexto de formação intelectual e sempre influenciou nas suas práticas e escolhas pastorais. Tomamos como base os estudos do teólogo jesuíta argentino Juan Carlos Scannone, que possui uma obra intitulada *A Teologia do Povo: Raízes teológicas do Papa Francisco* (2019). Além de fazer uso de outros referenciais teóricos sobre a Teologia do Povo, enquanto um ramo da teologia autenticamente latino-americana que é a Teologia da Libertação.

No caminho argumentativo texto está dividido em quatro partes: a Teologia do povo, a opção pelos pobres, a escuta das periferias e apontar três possíveis vias de aproximação entre Teologia do Povo e o magistério do Papa Francisco. Relacionando o Papa Francisco com a Teologia do Povo desejamos compreender melhor o atual Sumo Pontífice, bem como tentar desvendar possíveis novidades para toda a Igreja, que possam surgir desta relação.

1 A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E SUAS EXPRESSÕES: PERUANA E BRASILEIRA; ARGENTINA – DO POVO.

Na América Latina, no ano de 1968, após o Concílio Ecumênico Vaticano II, aconteceu a Conferência Episcopal de Medellín, que foi uma recepção criativa das inspirações do Vaticano II. Em Medellín, foram lançadas as bases da Teologia da Libertação, mais tarde

¹ Mestrando em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE; bolsista CAPES, membro do grupo de pesquisa Teologia e Pastoral. Licenciado em Filosofia (Faculdade Salesiana de Vitória - ES). claudino.i.sales@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1077-9954>.

sistematizada por Gustavo Gutiérrez em sua obra intitulada *Teologia da libertação: perspectivas*, lançada em 1971.

A Teologia da Libertação foi o substrato para o surgimento de novos ramos teológicos, daí queremos destacar apenas duas vertentes, a Teologia da Libertação peruano-brasileira e a Teologia da Libertação argentina, também conhecida como Teologia do Povo. Quanto ao surgimento do nome Teologia do Povo e seu conceito citamos: “teologia argentina do povo, um nome que Juan Luis Segundo deu a ela, ao criticá-la, e que Sebastián Politi também adotou, porém tornando-se o seu defensor. Gutiérrez a caracteriza como ‘uma corrente com características próprias dentro da teologia da libertação’[...]” (SCANNONE, 2019, p. 32).

É importante observar que na Teologia da Libertação é possível falar de teologias ou ramificações teológicas. “Habitualmente aceita-se uma distinção entre duas expressões da teologia da libertação na América Latina. Por um lado, há a versão argentina, e, por outro lado, a versão mais comum, inspirada sobretudo na linha peruano-brasileira” (COMBLIN, 2011, p. 104). Tendo em vista essas duas expressões da Teologia da Libertação, somos convidados a distinguir as particularidades de cada uma delas. “A diferença estaria nas mediações. A primeira recorre à mediação da história político e cultural da América Latina, ou, no caso da Argentina; a outra usa à mediação de ciências sociais, sobretudo do marxismo” (COMBLIN, 2011, p. 104).

Pensando nas mediações percebemos que na Teologia da Libertação peruano-brasileira se admitiu o uso da metodologia marxista, enquanto tal metodologia não foi admitida na Teologia do Povo – Argentina. “Na verdade, o que diferencia a Teologia da libertação da *Teología del Pueblo* é que na Argentina nunca foram utilizadas nem a metodologia marxista de análise da realidade, nem categorias tomadas do marxismo” (Cf. SCANNONE, 2013)” (DANTAS, 2019, p. 70).

É importante destacar uma observação do teólogo da libertação José Comblin: “[...] o recurso a temas marxistas é mais uma ilustração simbólica do que instrumentalização real, pois em lugar algum as categorias marxistas entram na exposição teológica” (COMBLIN, 2011, p. 105).

Outra diferença entre essas duas expressões da Teologia da Libertação está no enfoque em que a Teologia do Povo – Argentina deu à fé popular, entendida como fruto de uma piedade popular. Na versão peruano-brasileira, o aspecto da fé popular era tido como subtendido, no entanto, na Teologia do Povo – Argentina isso ficou explícito desde o início.

Nela [Teologia do Povo] existia a consciência de estar obrigada à opção preferencial pelos pobres como também a fé popular, e nos pobres se via provocada a fazer referência ao encontro libertador com Deus. A tal teologia estava e está próximo Jorge Mario Bergoglio” (WERBICK, 2019, p. 17).

Neste contexto efervescente na América Latina, do surgimento da Teologia da Libertação e estruturação da Teologia do Povo, foi ordenado presbítero o jovem Bergoglio, na época com 33 anos de idade. Já como pontífice em uma entrevista concedida a Spadaro, o Papa Francisco admite a influência em seu pensamento do padre Lucio Gera, considerado o fundador da Teologia do Povo (DANTAS, 2019, p. 70). “Durante a sua entrevista com Antonio Spadaro, o Papa Francisco fala explicitamente de Lucio Gera, além de Henri de Lubac e Michel de Certeau, como alguns dos teólogos mais significativos para ele” (HÜNERMANN, 2019, p. 19).

2 O PAPA FRANCISCO E O CERNE DA TEOLOGIA DO POVO: A OPÇÃO PELOS POBRES

Na Conferência de Medellín, a Igreja na América Latina deu um passo além do Concílio Vaticano II, foi sensível à realidade sofrida do povo latino-americano, que se via mergulhado na situação desumana de subdesenvolvimento. Em Medellín a Igreja assumiu a opção pelos pobres, que é o centro de toda Teologia da Libertação, bem como da Teologia do Povo – Argentina.

Como afirma Comblin: “Ser pobre na América Latina, ser ‘povo’, é não ser nada, ser marginalizado e explorado – é ser tido como objeto que se usa quando se precisa e se rejeita quando é desnecessário” (COMBLIN, 2011, p. 106). Neste contexto de marginalização, a Teologia da Libertação assume que a evangelização deve tomar como principal tarefa a opção pelos pobres e a sua libertação integral.

Quais são os pobres de Jesus Cristo? No tempo de frei Bartolomeu eram os índios. E hoje? Os evangelhos mostram Jesus em busca dos seus pobres: ele envia seus apóstolos para as ovelhas perdidas do povo de Israel. Quais são hoje as ovelhas perdidas do povo de Israel? Com certeza os mesmos que aparecem no seu discurso em Mt 11: cegos, aleijados, leprosos, surdos e pobres, que resume todas as outras categorias. Nos evangelhos essas palavras de Jesus recebem destaque particular, o que mostra que estão muito vivas na consciência da primeira comunidade, e que constituem a orientação básica para o comportamento dos primeiros discípulos (COMBLIN, 2011, p. 242).

O Evangelho de Jesus Cristo continua sempre atual e deve ser sempre o parâmetro para nosso proceder de discípulos missionários, no entanto, exige de nós uma atualização constante de seus princípios no hoje da história humana. Daí precisamos refletir: quem são os pobres de nosso tempo? A quem o Evangelho escolhe como os prediletos de Deus?

Um conceito clássico de pobre é: são todos aqueles que sofrem de fundamental carência econômica, privados de bens materiais necessários para uma existência digna (BOFF; PIXLEY, 1986, p. 19). No entanto, percebemos que o conceito de pobre transcendeu os limites socioeconômicos e se refere também a todos os que habitam as “periferias”, sejam elas

geográficas ou existenciais, como bem aponta o Papa Francisco em sua Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* (2013).

A compreensão de pobre hoje não pode se restringir apenas ao aspecto econômico, é preciso ampliar o conceito de pobre para todos aqueles e aquelas que são vítimas do mundo pós-moderno, vítimas de algum tipo de opressão. Falamos dentro da categoria dos pobres reais, de “pobrezas” de outras espécies que a socioeconômica, falamos de “pobrezas” de caráter sociocultural².

A Teologia do Povo, como expressão da Teologia da Libertação, faz a opção pelos pobres para tirá-los da condição de pobreza. O intuito é promover a libertação integral, fazendo os pobres deixarem o lugar de vítimas para se tornarem os sujeitos de sua própria libertação.

Sobre os pobres e a Igreja, o Papa Francisco enfatiza na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, seu programa de governo: “Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar “ (EG n. 198). E o Pontífice continua, “Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos sozinhos!” (EG n. 48). No rosto do pobre resplandece o rosto flagelado de Jesus Cristo clamando por ressurreição. O Papa Francisco relembra a toda Igreja a evangélica opção preferencial pelos pobres, opção basilar e sempre em destaque na Teologia do Povo – Argentina.

Para a Teologia do Povo, como o próprio nome já indica, a categoria povo ganha grande relevância. Dentro da chamada “‘escola argentina’ o povo não é compreendido tanto a partir do território ou da classe social como a partir da cultura como ‘estilo de vida comum do povo’” (SCANNONE, 2019, p. 27). O povo não é compreendido como uma grande massa de manobra, mas é reconhecido no seu potencial como agente transformador da realidade e do destino de sua história.

[...] os pobres que, pelo menos de fato, na América Latina, são os guardiões da cultura própria de seu povo, enquanto sujeitos estruturantes de sua maneira de conviver: são os seus interesses que coincidem com um projeto histórico de justiça e de paz (SCANNONE, 2019, p. 26).

Na Teologia do Povo reconhece-se o valor da piedade popular e seu potencial evangelizador. O tema da piedade popular perpassou o Documento de Medellín, o Documento de Puebla e ganhou definição³ na Exortação pós-sinodal *Evangelii nuntiandi* (1975).

Por um lado, com efeito, considera-se a religião [...] na esteira de Paul Tilich, como o núcleo da cultura de um povo e, por outro, dessa

2 Mencionamos como exemplos de pobreza sociocultural: “a discriminação racial, a étnica e a sexual. [...] a das minorias estrangeiras, religiosas ou homossexuais; a dos deficientes físicos e mentais; a dos anciões etc. [...] Trata-se dos negros, dos índios e das mulheres” (BOFF; PIXLEY, 1986, p. 27).

3 O Papa Paulo VI apresenta a seguinte definição: “Se essa religiosidade popular, porém, for bem orientada, sobretudo mediante uma pedagogia da evangelização, ela é algo rico de valores. [...] nós chamamos-lhe de bom grado ‘piedade popular’, no sentido religião do povo, em vez de religiosidade” (EN n. 48).

vez Paulo VI, faz-se referência à piedade ‘dos pobres e dos simples’ (SCANNONE, 2019, p. 30).

3 OUVIR AS PERIFERIAS: OS POBRES DE ONTEM E DE HOJE.

O Papa Francisco, primeiro pontífice latino-americano, declarou-se na sua primeira aparição pública como “o Papa do fim do Mundo”. Com tal expressão se destaca um movimento de abertura, de uma Igreja predominantemente eurocentrada para uma Igreja que ao buscar o novo Papa na Argentina, nos revela o desejo de uma verdadeira catolicidade. Ele é “o primeiro Papa proveniente da América Latina e com ele as periferias do sul do mundo são postas no centro da Igreja, permitindo entender melhor como a sua universalidade não possa deixar de colocar, em primeiro plano, os mais pobres [...]” (REPOLE, 2019, p. 42).

O fato de o Papa Francisco ser argentino e lá ter vivido a maior parte do seu ministério ordenado, em si já é um sinal de que é preciso ouvir as periferias. Com Francisco a Igreja se abre para acolher o comando de alguém que não vem do grande centro do catolicismo europeu. Papa Francisco vem não só do “fim do mundo”, mas vem também das “periferias” da Igreja Latino-americana. As vozes das periferias agora podem reverberar no coração da Igreja, pois o Bispo de Roma tem suas raízes fundamentadas na evangélica opção pelos pobres, e sua biografia de vida demonstra que ele sempre esteve atento ao clamor dos oprimidos.

Isso não significa que as perspectivas oferecidas por Francisco estejam privadas de certa originalidade. Pode-se, ao contrário, afirmar que elas remontam ao lugar do qual Jorge Mário Bergoglio provém [...] Elas carregam, além disso, a herança daquela especial versão da teologia latino-americana que atende sob o nome de ‘teologia do povo’, além do mais, da singular espiritualidade que já responde às instâncias modernas, como é a inaciana (REPOLE, 2019, p. 17).

A opção pelos pobres tem sido assunto recorrente no pontificado do Papa Francisco, e sua interpretação tem contribuído para a atualização do conceito de pobre num mundo cada vez mais plural e mutável. Antes, os pobres eram tidos como os explorados na sua força de trabalho, na atualidade eles “não são explorados, mas resíduos, sobras” (EG n. 53). O Bispo de Roma convoca a Igreja a uma saída missionária que vá em direção aos outros, para chegar às periferias humanas (EG n. 46), que não respeitam os limites territoriais das periferias geográficas podendo extrapolá-los. Embora, quase sempre, a periferia geográfica abarcará realidades da periferia existencial, ambas podem se manifestar de modo individualizado.

Neste contexto precisamos aprender a ouvir as periferias, os pobres têm muito a nos ensinar no caminho da evangelização. Como “Igreja em saída” precisamos ajudar os pobres de nosso tempo a se tornarem, através de uma evangelização integral, protagonistas de seus destinos. Assim, “cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus a serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na

sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo” (EG n. 187).

Sem uma escuta sincera do clamor dos pobres a Igreja nunca será uma Igreja pobre e dos pobres, como deseja o Papa Francisco. Ouvir as periferias é ter coragem de ir ao encontro, de se abrir ao diferente, ao novo e até mesmo de deixar-se afetar. Diz o Papa Francisco: “prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos” (EG n. 49).

Consideremos ainda que “Como toda a teologia da libertação, a corrente argentina emprega o método ‘ver, julgar, agir’ e, para o seu ver crente, utiliza, portanto, a mediação interdisciplinar das ciências humanas e sociais” (SCANNONE, 2019, p. 40). Ouvir é parte constituinte do método da Teologia do Povo na etapa do ver. E para fazer uma escuta qualificada que permita ver a realidade, num mundo cada vez mais plural, se faz uso das mediações científicas. Já que o pobre habita nas periferias geográficas ou existenciais é preciso ouvir o clamor dos periféricos, para emplacarmos uma evangelização que seja verdadeiramente relevante para os homens e mulheres de nosso tempo. No fundo o clamor dos periféricos, ou seja, dos pobres, é por humanização, que para nós cristãos só atinge sua plenitude na acolhida generosa do Evangelho de Jesus Cristo.

4 PAPA FRANCISCO: UM PAPA FORJADO NA TEOLOGIA DO POVO

O teólogo da libertação o brasileiro Leonardo Boff refletindo sobre a relação do Papa Francisco com a Teologia da Libertação afirma: “Muitos se têm perguntado que pelo fato de o atual Papa Francisco provir da América Latina, ele seja um adepto da teologia da libertação. [...] O importante não é ser da teologia da libertação, mas da libertação dos oprimidos, dos pobres e injustiçados” (BOFF, 2014, p. 88).

É nas ações do Papa Francisco, nas escolhas, nos seus documentos e encaminhamentos, que ficam bem claros os pressupostos da Teologia do Povo. No entanto, um Papa antes de tudo deve se preocupar com o seu pastoreio, com a unidade da Igreja, com os direcionamentos da fé e não ser um teólogo de plantão.

Antes o ‘magistério’ era constituído pelos doutores e professores de teologia e não pelos bispos e pelo Papa. [...] Portanto, aos bispos e papas não cabia fazer teologia: mas testemunhar oficialmente e garantir zelosamente a fé cristã. [...] Quando papas se põem a fazer teologia, como ocorreu recentemente, não se sabe se falam como papas ou como teólogos. Cria-se grande confusão na Igreja; perde-se a liberdade de investigação e o diálogo com os vários saberes (BOFF, 2014, p. 91).

Do caminho feito até aqui podemos demonstrar a influência da Teologia do Povo na vida e missão do Papa Francisco em três grandes vias:

1 – Opção pelos pobres. Como herdeiro da cultura teológica latino-americana, a opção pelos pobres perpassa como pano de fundo as ações, documentos e orientações do Papa Francisco. Um dos marcos referenciais para que a Igreja nunca se esqueça dos pobres foi a criação, no Ano Santo Extraordinário da Misericórdia (2016), do dia Mundial dos Pobres.

2 – Opção pelo povo. É preciso que se constitua antes como povo, “a partir da cultura como ‘estilo de vida comum do povo’” (SCANNONE, 2019, p. 27), para depois se tornar então povo de Deus. Segundo o Papa Francisco o verdadeiro povo de Deus é constituído a partir de quatro princípios, cunhados sobre o pensamento do filósofo e teólogo Romano Guardini, que é citado na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: “1) o tempo é superior ao espaço; 2) a unidade prevalece sobre o conflito; 3) a realidade é mais importante do que a ideia; 4) o todo é superior à parte” (BORGHESI, 2018, p. 112). É partindo da opção pelo povo que se torna possível aquilo que o Papa Francisco designa como “cultura do encontro”.

3 – A valorização da piedade popular. Apontada como prática da Teologia do Povo que ajuda a vencer o secularismo e o indiferentismo religioso, além de ser um instrumento para uma evangelização inculturada. A piedade popular é qualificada pelo Papa Francisco na sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*:

As formas próprias da religiosidade popular são encarnadas, porque brotaram da encarnação da fé cristã numa cultura popular. Por isso mesmo, incluem uma relação pessoal, não com energias harmonizadoras, mas com Deus, Jesus Cristo, Maria, um Santo. Têm carne, têm rostos. Estão aptas para alimentar potencialidades relacionais e não tanto fugas individualistas (EG n. 90).

O caminho de valorização da piedade popular pode ainda ajudar a vencer um dos grandes desafios⁴ da Igreja que é o clericalismo. Tendo em vista que na piedade popular os leigos e leigas assumem lugar de um protagonismo espontâneo.

No tocante à Teologia do Povo, como uma das expressões da Teologia da Libertação, que estaria presente nas raízes do pensamento do Papa Francisco, concordamos com Leonardo Boff, quando este afirma: “Não importa que o Papa Francisco não use a expressão ‘teologia da libertação’. O importante mesmo é que ele fala e age na forma de Libertação” (BOFF, 2014, p. 90). Concluímos, que a Teologia do Povo faz parte do contexto existencial do Papa Francisco, daquele homem que antes de ser papa estava próximo de tal teologia não só intelectualmente, mas com as suas escolhas de vida. “Hoje, em todo caso, a sua influência é universal, pois de fato ela constitui uma das raízes teológicas da pastoral e do estilo de governo do Papa Francisco” (SCANNONE, 2019, p. 46).

4 Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* o Papa Francisco aponta o clericalismo como um dos grandes desafios atuais da Igreja (EG n. 102).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem do poliedro, utilizada em diversos momentos pelo Papa Francisco, retrata bem o caminho que fizemos neste breve percurso. O poliedro, nas suas diversas facetas, pode simbolizar a própria Teologia, que em uma de suas faces se revela com características latino-americanas enquanto Teologia da Libertação, e esta, por sua vez, engendra como uma de suas variadas expressões a Teologia do Povo.

A Teologia do Povo está presente no magistério do Papa Francisco manifestando-se em seu programa de governo. Podemos constatar a influência da Teologia do Povo sobre o pontificado atual fazendo uma análise a partir de três pontos de aproximação: a opção pelos pobres, a opção pelo povo, a valorização da piedade popular. O Papa Francisco faz a opção pelos pobres se destacar no coração da Igreja como um todo. Recordando a todos nós a preferência de Deus pelos pobres e apontando que esta deve ser também a opção de todos os discípulos e discípulas missionários de Jesus Cristo.

A opção pelos pobres deve nos questionar sobre quem são os pobres de nosso tempo, tendo em vista que não é mais coerente pensar a pobreza somente no ponto de vista socioeconômico. É preciso estarmos atentos aos novos pobres que a pós-modernidade tem gerado. Os pobres voltam a ser a opção preferencial de toda a Igreja, como num retorno as primeiras comunidades cristãs, nas quais ninguém passava necessidade (cf. At 2, 44).

Apresentamos a Teologia do Povo como uma das faces do poliedro, sem termos a intenção de absolutizar tal teologia, ou apresentá-la como modelo perfeito. Conhecer a caminhada da Teologia do Povo nos auxilia na compreensão das raízes e opções do Papa Francisco, que sem negar a história de vida que o constitui é agora chamado a dar conta do “poliedro, no qual as diversidades se refletem numa unidade que as respeita sem as reduzir à uniformidade (EG 236)” (SCANNONE, 2019, p. 266).

Siglas

EG = Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.

EN = Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*.

REFERÊNCIAS

- BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo. *Da libertação: o sentido teológico das libertações sócio - históricas*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1979. (Centro de Investigação e Divulgação. Teologia, 19)
- BOFF, Clodovis; PIXLEY, Jorge. *Opção pelos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BOFF, Leonardo. *Francisco de Assis e Francisco de Roma: Uma nova primavera na Igreja*. 2 ed. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2014.
- BORGHESI, Massimo. *Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual: dialética e mística*. Petrópolis: Vozes, 2018.

COMBLIN, José. *Povo de Deus*. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2011.

DANTAS, José Erivaldo. *O conceito de “Igreja em saída” como princípio hermenêutico do pensamento do Papa Francisco*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2013.

GUTIÉRREZ, G. *Teologia da libertação: perspectivas*. 9 ed. São Paulo: Loyola, 2000.

HÜNERMANN, Peter. *Homens segundo Cristo hoje: A antropologia do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2019. (A teologia do Papa Francisco; 3)

MIRANDA, Mario de França. *A reforma de Francisco: Fundamentos teológicos*. São Paulo: Paulinas, 2017. (Coleção Francisco)

PASSOS, João Décio. *A Igreja em saída e a casa comum: Francisco e os desafios da renovação*. São Paulo: Paulinas, 2016. (Coleção Francisco)

PAULO VI, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. 22 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

REPOLE, Roberto. *O sonho de uma Igreja evangélica: A eclesiologia do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2019. (A teologia do papa Francisco; 4)

SCANNONE, Juan Carlos. *A Teologia do Povo: Raízes teológicas do Papa Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2019. (Coleção Francisco)

WERBICK, Jürgen. *A fraqueza de Deus pelo homem: A visão do Papa Francisco sobre Deus*. Brasília: CNBB, 2019. (A teologia do papa Francisco; 1)